

TRANSCRIÇÃO

GALERIA DE MEUS MESTRES NO COLÉGIO PEDRO II ANTENOR NASCENTES

Wilson Choeri
UERJ / CP II

Ao ingressar no Colégio, na 1ª série do curso ginásial, tive a grata satisfação de ter Antenor Nascentes como meu professor de Português. A sua personalidade marcou-me até hoje e muitos dos seus ensinamentos me foram úteis.

A metade da nossa 1ª série B aguardava a chegada do professor na sala 27, próxima da cantina. Estreita, com duas bancadas de carteiras, era uma das piores do Colégio; a sua única janela abria-se para a rua Camerino e por ela entrava o barulho ensurdecedor dos bondes e ônibus.

A classe estava em relativo silêncio, quando nos demos conta que o professor de Português, que o inspetor Pederneiras nos havia anunciado, chegara.

Como era de praxe todos nós saudamos o professor, nos levantando. Deparou-se-nos um homem enxuto de carnes, desempenado, cabelo ralo e aparentando quase cinquenta anos. Dirigiu-se a turma sorrindo:

– Jovens, vamos dar início ao nosso curso de Língua Portuguesa. Chamo-me Antenor Nascentes e estudei aqui.

Muitos de nós já havíamos adquirido o livro *Idioma Nacional* de autoria dele, adotado no Colégio.

– Pelo que vejo vocês já têm o livro texto. Aqueles que não o adquiriram, saibam que não estão obrigados a comprá-lo. Abram na primeira página e verão um soneto de Olavo Bilac – grande poeta parnasiano –, sobre a língua portuguesa. Vamos hoje explicar esse belo soneto.

Apontando na direção do Orlando Alves, pergunta-lhe:

– Você sabe o que é um soneto?

– Não, professor.

– Quem de vocês sabe?

O Pedro Veloso Wanderley, colega nosso cearense tinha pendores literários, levantou o braço indicando que sabia.

– Vamos lá, jovem, explique.

– Soneto é uma forma poética constituída de dois quartetos e dois tercetos.

– Bravo, muito bem. Mais tarde, na 5ª série, quando vocês tiverem aulas de literatura, aprenderão os múltiplos gêneros e escolas literárias. Apontando para o Sebastião Campos, mandou que lesse o soneto e todos acompanhassem.

– Quem sabe por que Olavo Bilac usa a expressão: “*última flor do Lácio, inculta e bela*”?

Em face do nosso silêncio, nos explica, minuciosamente e com simplicidade, a origem da língua portuguesa, por que a expressão *última flor do Lácio* e nos ensina que na transição do latim para o português, houve uma forma chamada *romanço*. Explica-nos, também, que as conquistas dos romanos e sua fixação nas terras conquistadas difundiram o latim. Não o latim falado pelos patrícios, mas o da soldadesca, o latim vulgar.

– Jovens, anotem a tarefa para a próxima aula: deverão decorar o soneto para recitá-lo aqui; quero, também, que procurem, no dicionário, o significado e o sinônimo para as seguintes palavras do soneto: *inculta, esplendor, cascalho, vela, canga, tuba, glangor, singela, silvo, procela, exílio, amargo, tom, gênio, ventura*.

Na aula seguinte, tive a falta de sorte de ser escolhido para recitar o soneto. Havia-o decorado e comecei a cumprir a ordem. Entrando na adolescência a minha voz variava do grave ao tom em falsete... Ao terminar, o professor me fez repetir, mas me interrompia mostrando-nos como deveria dar a entonação e encontrar o ritmo certo. A seguir, começou a interrogar, aleatoriamente, a turma sobre o sinônimo e significado das palavras contidas no poema.

Incrível, passados tantos anos, me dou conta de que aquele homem afeito a mergulhos abissais, erudito, ser obrigado a ministrar aulas a garotos, quando poderia estar desenvolvendo cursos e linha de pesquisa para professores. Porém, o mais espantoso é que, lidando com meninos, fosse capaz, sem empáfia, ou arrogância transmitir-lhes ensinamentos. Tudo nas aulas do Nascentes era motivo e aproveitado para transmitir conhecimentos. Em dada ocasião, houve uma discussão entre Aristeu e o Sebastião sobre a pronuncia do nome do Padre Anchieta. Era aula do Nascentes, e a ele coube o papel de dirimir a questão... Lá veio a explicação.

– O Padre Anchieta era espanhol das Canárias. A pronúncia do *ch* tem o som de *x* e há também a forma grafada com *x*: *Anxieta*. A pronúncia se assemelha à do peixe de nome *enchova*. Se ele fosse italiano, a pronúncia seria *Anquieta*; o *ch* teria o som de *k*. A palavra *charitas* é italiana e deve ter a pronúncia “*káritas*”. Há uma praia em Niterói de nome Charitas e que o povo chama de “*Xaritas*”, erroneamente.

Na década de 1940 ainda havia um jornal chamado *Correio da Manhã* de grande circulação e famoso pelos seus editoriais. Numa edição que circulou no dia da aula de português apareceu como título de um de seus editoriais a palavra *boicotagem*. Mal o professor chegou, como sempre fazia, Nascentes nos quinze minutos iniciais da aula, antes de abordar o tema central, indagava:

– Qual é a dúvida de hoje? Leram algum jornal?

Lá veio a pergunta do Pedro Wanderley:

– Professor, eu vi no *Correio da Manhã* como título a palavra *boicotagem*. O que quer dizer?

– Essa palavra é um estrangeirismo que foi incorporado ao nosso idioma. Significa “fazer oposição”, “criar dificuldades e obstruir qualquer ação promovida por outros”, “represália”.

Prosseguindo na explicação e estendendo a informação, acresceu:

– A palavra é um anglicismo que teve origem numa contenda entre lavradores escoceses assalariados e um fazendeiro de nome *Boycott*. Os lavradores cansados de serem maltratados entraram em choque com o fazendeiro, negando-se a trabalhar para ele e deixando de fazer a colheita do trigo e da cevada. O não trabalho assumido pelos lavradores passou a ser divulgado pela expressão “no, *Boycott*” e que se transformou e deu em português, *boicote*, *boicotagem*, *boicotar*.

O Nascentes, além, muito além de professor, era um educador. Procurava ampliar nossos horizontes culturais, induzir-nos a olhar e nos inteirmos ao nosso redor. Criou em muitos de nós o hábito de ir às sessões passatempo do *Cineac Trianon*. A televisão ainda não se divulgara e o referido cinema se especializava em passar jornais como *Les Actualités Françaises*, *Fox Movietone*, UFA e múltiplas atividades no mundo dos esportes. Eram de sessenta minutos as sessões do *Cineac* e contínuas. O professor nos alertava:

– Vocês que não têm muito dinheiro para gastar; devem ir à sessão das quatorze horas de quinta-feira. Verão o programa que está saindo de cartaz e a seguir a nova programação. A rede de cinemas, no centro da cidade, possuía excelentes salas de exibição: Plaza, Metro, Palácio, Odeon, Império, Vitória, Alhambra e outros tantos.

Lembro-me que havia ido assistir, no Alhambra, ao belíssimo filme, estrelado por Paul Muni, *Louis Pasteur*. Nos quinze minutos de perguntas da aula de português, perguntei se ele havia visto o filme e qual a sua opinião. Nascentes, como sempre, não perdia a oportunidade de ampliar nossos horizontes culturais.

– A pronúncia do nome do cinema esta errada; devem pronunciar *Alambra*. É um nome que tem origem árabe. É o nome dado a um castelo deixado pelos árabes, na Espanha, e construído durante a permanência deles, por oitocentos anos, na Península Ibérica. É uma bela construção em tijolos, sem esboço ou caiação e daí ser vermelho. A palavra é feminina, quer dizer *o vermelho*; o *al* é o artigo em árabe e *hambra* significa “vermelho”. Prosseguindo, explicou-nos a importância de Louis Pasteur na descoberta da vacina contra a raiva e ensinou-nos que o nome da doença era *hidrofobia* (hidro = água; fobia = horror, rejeição).

Ao chegar a casa, conversando com meu pai, passei-lhe a explicação sobre a pronúncia da palavra Alhambra..., isto é, omitindo o *h*. Meu pai corrigiu-me, ensinando a pronúncia em árabe. Ao reencontrar o Nascentes, em aula, disse-lhe como meu pai me corrigira.

– Professor, meu pai disse que o *h* tem que ser pronunciado como *r* e o certo é dizer: Al-Ramra, o *b* não se pronuncia.

Outro professor qualquer teria se irritado e me reduzido à expressão mais simples. O grande filólogo, disse rindo:

– O *h* da língua árabe é muito difícil de se pronunciar, ele pronuncia-se aspirando, saindo o som do fundo da garganta. Ele, também, tem uma outra pronúncia forte como o *h* em inglês, na palavra *horse*. Com uma simplicidade que ainda me comove, acrescentou:

– Não sabia que o *b* de Al-Hambra não se pronuncia. Vou pesquisar se procede...

Passados muitos anos, ao visitar a “*Espanha árabe*” e me deparar com a “*Al-Hambra*”, emocionado, comecei a chorar. Lembrei-me das explicações do meu professor. Ao percorrer os “*Jardins de Generalife*” veio à minha memória a descrição que dele nos fizera:

“O castelo vermelho, sem reboco, é, por si só, belo. O seu interior mantém um ambiente fresco e encantador com os arabescos e esquadrias de madeira rendilhadas. Os jardins árabes que o circundam com os chafarizes espargindo água lhe dão leveza”.

Nascentes explicou-nos alguns tipos de jardins que circundam palácios europeus, mostrou-nos as características dos jardins padrão *inglês*, *francês* e

árabe. Este, enfatizou, são delicados, leves e graciosos, fazem uso de água em abundância; os ingleses imponentes e austeros com imensos gramados, lagos e pontes, tentam imitar a natureza; o francês com forma geométrica, labiríntica.

Vim a descobrir, anos mais tarde, que Nascentes, paradoxalmente, não respondia a perguntas que lhe faziam certas pessoas sobre dúvidas de português. Desconfiava que queriam testá-lo. Respondia com ironia ou mandava-as pesquisar. Com os seus alunos era solícito; jamais deixou de ser rigoroso na aferição da aprendizagem.

A turma se alvoroçava quando programava para a aula seguinte torneio de perguntas entre as duas bancadas da sala.

– Jovens, na próxima aula o tema será: – *adjetivos patrios ou gentílicos*. Vocês encontrarão, no livro texto uma relação deles. Após as minhas explicações realizaremos o torneio. A bancada da direita indicará cinco representantes e a da esquerda outros tantos.

– Professor, esse critério não é justo. A bancada da esquerda é ocupada pelos melhores da turma. Ponderou um dos ocupantes da direita.

– O argumento não é consistente; vocês da direita estudem e derrotem os outros. Nada de capitularem. Na aula seguinte todos estavam acesos à espera do torneio.

Nascentes iniciou a aula explicando o assunto, mostrou-nos a origem da palavra *gentílico* e teceu considerações sobre o tema.

– Vamos começar agora com as perguntas.

Coube-me fazer a primeira pergunta a um dos integrantes da bancada mais forte.

– Pergunta para o Orlando Alves. Qual é o gentílico de quem nasce na ilha de Madagascar? A resposta veio pronta.

– *Malgaxe*.

Na réplica, o atingido, do meu lado, foi o Aristeu.

Perguntou-lhe o Sebastião, qual é o nome de quem nasce em Jerusalém?

Ele não titubeou: *hierosolimita*. O torneio continuou com indagações de lado a lado. *Três Corações*, *São Paulo* (cidade), *São Paulo* (estado) e outros locais foram aparecendo nas perguntas. A situação tornou-se hilariante quando, de forma moleque, o Ondino, ao responder a pergunta que lhe fora feita sobre o gentílico referente a cidade do Porto. Categórico, afirmou: *tripeiro*. O Nascentes esboçou um sorriso, acalmou os que queriam considerar haver o Ondino errado.

– Ele deve ser filho de portugueses, usou a expressão popular e está galhofando com vocês. Ele sabe a forma não popular. Ondino, diga o que está registrado no livro. A resposta veio certa: – *portuense*. O professor aproveitou o incidente como motivação para enriquecer a aula.

– Os naturais da cidade de Porto são jocosamente apelidados de *tripeiros* em razão do prato predileto e muito consumido no Porto ser *tripa de boi a lombeira* ou como é mais conhecida, *à moda do Porto*. Os naturais de Lisboa, são *lisboetas*, mas os outros chamam de *alfacinhas*. Dizem que a causa tem origem nos liboetas serem muito críticos e cheios de não me toques em relação aos nascidos noutros lugares. A Solange Vasconcelos, melhor aluna da turma indaga do professor.

– Por que quem nasce em Chaves é chamado *flaviense*?

O grande filólogo aplaude a pergunta e enriquece a aula. Começa, subliminarmente, a transmitir informações que serão mais tarde ampliadas e servirão de base para prosseguimento de nossos estudos.

– A palavra *Chaves* vem do latim *Flaviis*, o gentílico *flaviense* manteve a forma erudita, mais próxima do latim. Vejam, quem nasce no Estado do Rio de Janeiro é chamado de *fluminense*, pois rio em latim é *flumen*. O mesmo acontece com *Três Corações* que foi respondido por um de vocês como *tricordino*, coração em latim é *cor, cordis*. Muitos gentílicos conservam a forma próxima do latim.

É incrível como um homem afeito a profundas pesquisas dialetológicas, etimológicas, também pudesse, em aulas ministradas a adolescentes mal saídos da escola primária, didaticamente, tornar um tema tão insípido e árido numa aula dinâmica e rica de informações. Hoje, poucos professores de português, “especialistas” em análise literária, são capazes de abordar o tema. Dirão: é inútil, é desnecessário... Escondem suas insuficiências e encham a boca que o importante é o que fazem: lingüística. Não conhecem a estrutura da língua, a fonologia, mas escondem sua ignorância com pseudos conhecimentos de “lingüística” e “estruturalismo”. Pobres coitados, mal conhecem a língua nacional, nem tampouco antropologia cultural e se intitulam “*especialistas em lingüística*” ou Lévi-Strauss. Muitos professores de hoje continuam, passados tantos anos, a analisarem o texto e o exaurindo pelo aspecto gramatical. Nascentes ao nos ministrar explicações, abordava os aspectos etimológicos, filológicos.

Outra passagem rica de ensinamentos foi ensejada pela leitura do texto *Digressão Filatélica* que Nascentes inseriu no *Idioma Nacional*.

Alunos da primeira série ginásial jamais ouvíramos falar em *digressão*. Antes de nos explicar o significado, o professor mandou-me ir para frente das bancadas e recomendou-me:

– Vá andando na direção da janela. Obedeci a ordem e ao chegar quase próximo da parede, virei-me para a direita e retornei até a porta. Fui levado a repetir duas vezes a caminhada, ora virando para a direita, ora para a esquerda. O professor se deu por satisfeito, mandou-me voltar para o meu lugar; perguntou à turma:

– O que é *digressão*, jovens? A resposta veio como em coro: – *mudar de direção, mudar de rumo*.

– O autor do texto, ao usar a palavra *digressão*, quis mostrar que, anteriormente, tinha um centro de interesse e de repente resolveu se tornar filatelista; logo fez uma digressão nos seus interesses.

Ao comentar o texto nos ensinou o que era ser *filatelista* e nos estimulou a colecionar selos.

– Jovens, colecionar selos amplia os conhecimentos do colecionador. Aprende-se geografia, história, artes, costumes e principalmente propicia intercâmbio com outros colecionadores do país e do estrangeiro.

Levou-nos a conhecer os selos raros, aprendemos o valor da coleção “Olho de boi”, editada no império. Explicitou-nos que a primeira emissão comemorativa feita pelos correios, quando carimbada ganhava importância. Aprendemos que alguns colecionadores de selos eram, também, aficcionados pela numismática, a arte de colecionar moedas.

Aprendemos os significados dos adjetivos *ebúrneo*, *cinério*, *cuprino*, *sideral*, *argentino*, *plúmbeo* e outros tantos, quase sempre com a indicação da origem.

Diferente de outros professores, ensinou-nos a análise lógica ou sintática de modo simples, sem esquemas ou diagramas. A análise lógica simplesmente objetivava o entendimento do texto, descodificá-lo. Fora disso, seria perda de tempo. Recomendava-nos redigir com simplicidade, evitar lugares comuns, não fazer frases longas e ter um texto linear. Exemplificava: por que escrever “o astro-rei despontava no horizonte” se era muito mais elegante dizer: *amanhecia*. Ironicamente, rindo, lembrava que o tal astro-rei nada mais era que simples estrela de quinta grandeza e arrematava, só é possível ao sol despontar no horizonte.

Muitos anos passados, já privando de sua amizade, tive a comprovação da sua forma de se exprimir. Ao receber um belo postal de uma de suas múltiplas viagens pela Europa, ele só anotara: “Choeri, abraços Nascentes”. Por que descrever a paisagem, se a imagem era auto-suficiente, a indicação do lugar estava impressa? Nada de esparramamento.

Tenho em um de seus livros a seguinte dedicatória: “Ao Choeri: Nascentes”. O laconismo nas dedicatórias exprimia considerações e afeto por parte dele.

Faltando um mês para o término do ano letivo. Nascentes, que sempre fora assíduo e pontual, desapareceu. O inspetor Perdeneiras nos deu a notícia de que ele havia sofrido sério descolamento de retina. Pagava o tributo de muito ler e forçar a visão em suas pesquisas. Eu e o Orlando Alves, em nome da turma, lhe enviamos um sentido telegrama. Ao se restabelecer, já cursávamos a segunda série. Numa aula do professor Modesto de Abreu, foi nos agradecer dizendo: “Vocês me comoveram; delicadeza nesta casa é gesto raríssimo”. Modesto de Abreu, após Nascentes se retirar, comentou:

– Nunca vi o professor Nascentes procurar alguém e falar com tanta emoção. Ele é tido como frio e quase álgido.

Na época em que fui seu aluno, quase sempre tomávamos o mesmo bonde para regressarmos a casa. Jamais, nem ele ou eu ficávamos no ponto final, no abrigo da Praça Tiradentes. Íamos para o ponto defronte ao teatro Carlos Gomes. Ele, entretanto, ia caminhando para as proximidades da Inspetoria de Veículos a fim de tomá-lo em movimento e garantir um bom lugar. Jamais imitei meu mestre, o bonde naquele trecho vinha com boa velocidade. Ele agilmente escolhia sempre o carro reboque e, não raro, ao alcançar o estribo, compensava a velocidade, caminhando na direção contrária ao deslocamento do veículo. Tomar o bonde andando exigia, além de agilidade, ter golpe de vista para não se chocar com o condutor ou outro passageiro pendurado no estribo.

Nascentes era de origem bem humilde, teve na professora D. Amália Fernandes da Costa uma protetora e apreciadora de sua inteligência, que lhe custeou parte de seus estudos iniciais. Não precisou fazer exame de admissão para ingressar no Colégio Pedro II. Era praxe ao melhor aluno da rede primária do Distrito Federal ter matrícula compulsória. Concluintes do ensino primário, só receberiam a certificação após rigoroso exame. Submetido a mais longa inquirição, perto de uma hora, nas disciplinas de português, geografia, aritmética, história do Brasil, logrou a nota máxima, garantindo assim, ingresso gratuito no Colégio Nacional, nome pelo qual a República passara a chamar o Colégio Pedro II.

Foi um aluno brilhante e teve como condiscípulos Manuel Bandeira, Sousa da Silveira, Arthur Moses, Alarico de Freitas. Ao término do curso obteve o Prêmio Pantheon, destinado ao aluno que houvesse participado sempre do primeiro lugar no banco de honra.

Ao se bacharelar, não teve dificuldades em passar em concurso público para oficial da Secretaria de Justiça, conquistando o primeiro lugar.

Retornou ao Colégio Pedro II como professor para lecionar grego e espanhol. Logo veio a oportunidade de se candidatar à cátedra de espanhol, que

estava vaga. O concurso foi disputadíssimo entre ele e David José Perez. Ambos os candidatos produziram brilhantes provas. A Congregação ao se reunir para homologar o concurso deu o primeiro lugar ao seu bacharel e prêmio Pantheon. Lecionou a disciplina por seis anos; tornando-se ela optativa e o aluno demonstrando pouco empenho, em face de não haver exames que os pudessem inabilitar, ao ser desdobrada a cátedra de português, preferiu para ela se transferir, em 1927. Antes de se transferir já havia publicado a série *Idioma Nacional* de 1926/1928, muito bem aceita.

Àqueles que o criticavam por haver sido homologada a sua transferência para português, sem que tivesse de se submeter a novo concurso, respondeu com a publicação do *Dicionário Etimológico*, em 1932. Calou os murmuradores. O *Dicionário Etimológico* foi fruto de anos de pesquisa e realizado sem a colaboração de outros professores. Ele se constituiu em trabalho pioneiro e veio a se tornar em fonte para os que passaram a pesquisar e estudar filologia românica. Foi prefaciado por Meyer-Lübke o grande filólogo alemão.

Jamais respondia às críticas que lhe faziam; ouvi-o, na Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UERJ, dizer: “Quando me jogam lama, não me apresso em limpá-la; deixo-a secar e lhe dou um peteleco, removendo-a sem deixar nódoa”. Aos que lhe enviavam de modo reservado sugestões de possíveis equívocos que cometera sempre acolhia e agradecia. Àqueles que queriam se promover às suas custas, individualmente ou em grupos, os ignorava.

Em 1939, ao ser criada a Faculdade Nacional de Filosofia, após a extinção da primeira UDF, criada por Lourenço Filho e outros educadores, Nascentes foi convidado, diretamente, pelo Ministro Gustavo Capanema para integrar o corpo docente da mesma. Não se deixou seduzir nem optar em deixar o Colégio Pedro II; na época a Constituição de 1937 vedava qualquer acumulação. Não fez como tantos outros que deixaram o Colégio.

Olavo Aníbal Nascentes, seu filho, disse-me que ele escrevera declinando do convite; o fê-lo de forma elegante. Aos amigos, discípulos e colaboradores explicava a sua atitude, confidenciando: “Como deixar a minha cátedra no Pedro II, onde estudei como aluno grátis. Trocar cem anos de tradição por uma faculdade que ia se iniciar. Jamais o faria”.

Reencontrei meu mestre, alguns anos passados, na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, hoje integrando a UERJ.

Tive a honra singular de compor, como catedrático, a mesma congregação onde ele era um mito. Tinha por mim carinho especial. Após haver concluído o concurso para a cátedra de Estatística Geral e Aplicada, no dia em que seria recebido pela Congregação, deparei com ele que, sorrindo, foi me dizendo:

– Choeri, não vou à tua posse, sabes que não tolero discursos; mas sabes qual a verdadeira razão de não ficar? Hoje é aniversário de uma velha amiga de mais de cinquenta anos. Não posso perder os doces que ela faz à moda antiga e lembram os que minha mãe fazia e são colocados naquelas compoteiras de “bico de jaca”. Perder doce de mamão verde com côco, doce de jaca, quindim, bom-bocado? Não. Felicidades.

Ao assumir as funções de diretor do Departamento Cultural da UEG, hoje UERJ, o professor Nascentes, já aposentado, me visitou inúmeras vezes, acompanhado do filho Olavo Nascentes. Expunha o que queria, quase sempre informações sobre ajustamento de sua aposentadoria ou o pagamento de cursos que havia ministrado e que a burocracia universitária retardava.

Ria quando eu e o Olavo discutíamos sobre o magistério particular ou contávamos casos ocorridos com alguns professores em sala de aula. Diante de meu velho mestre, voltava a ser o aluno ginasião e o enchia de perguntas. Provocava-o para que recontasse algumas de suas viagens, principalmente a que fizera ao norte da Escandinávia. Descrever a sensação que sentira ao ver “o sol da meia-noite” e a insônia que adquirira ao voltar para o Brasil.

Havia ocasiões em que o consultava sobre as visitas de eminentes professores portugueses que viriam, sobre o patrocínio da embaixada de Portugal, ministrar palestras na UEG/UERJ. Jamais opinava quando os palestrantes eram historiadores ou geógrafos. Relutava, também, quando eram da sua área.

Pouco antes da eleição para a Academia Brasileira de Letras visitou-me. Indiretamente, através do Olavo Nascentes, procurei conhecer a sua expectativa sobre a certeza da sua escolha. Sorrindo, antes que o filho se pronunciasse, disse-me:

– O povo diz que em cabeça de juiz, pata de cavalos e bumbum de crianças não se há de confiar. Eu acrescento, em voto de acadêmicos, também não...

Passados uns dias, a mídia anunciava a eleição de Adonias Filho e a preterição do Nascentes.

Aos dicionaristas, ao filólogo, ao homem que tantos serviços prestava à Academia e a lastrear, com densa erudição, múltiplos de seus projetos, ela pagou-lhe com a moeda da ingratidão. Jamais pleiteara, quer moço, quer na meia idade ou na velhice, um lugar entre os imortais. Cedeu aos amigos que se sentiam constrangidos em não ver o mestre entre eles.

O tempo é grande sabedor em sua marcha inexorável, levará a maioria dos imortais a serem totalmente esquecidos. Pela imortalidade de Antenor Nascentes falarão o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, o *Linguajar*

Carioca a série do *Idioma Nacional*, o *Dicionário* da ABL, enquanto houver estudiosos de língua portuguesa falada no Brasil. A imortalidade acadêmica não a conquistou, mas obteve-a na admiração de uma plêiade de discípulos do porte de Celso Cunha, Antônio Houaiss, Evanildo Bechara, Leodegário Amarante Azevedo e outros tantos ...

Passados alguns meses da sua preterição acadêmica voltei a revê-lo. Havia sofrido ligeiro espasmo cerebral. Em sua última visita ao Departamento Cultural da Universidade, manteve-se silencioso, enquanto eu e o Olavo conversávamos; parecia alheio a tudo. O *velho jequitibá* começara a morrer, suas raízes profundas já não mais colhiam a seiva irrigadora do lenho e das folhas.

Morreu com noventa e dois anos, tendo vivido noventa e dois anos. Durar não é o mesmo que viver. Alguns duram muitos anos, sem tê-los efetivamente vivido. Ele, todo o tempo em que durou, sempre viveu escrevendo, pesquisando, educando e semeando novas idéias e novos conceitos. Assemelha-se às estrelas que no espaço sideral sem fim continuam a trilhar mesmo quando já cessaram, há séculos, de existir. O seu cintilar continua a nos encantar.

Olavo Nascentes, após a morte do pai, não mais entrou em sua biblioteca e não admitia que alguém nela penetrasse. A sua identificação era tal, que se emocionava ao dele falar. Funcionava como seu assistente, discutia e sugeria modificações no que ele escrevia, possuía luz própria. Aos que indagavam por que não publicava as suas pesquisas e estudos, invariavelmente respondia “Para que? Vão dizer que apanhei fichas do velho ou usei suas pesquisas para me promover”.

Na época em que dirigia a Secretaria de Ensino do Colégio Pero II atendi a um dos seus telefonemas.

– Choeri, meu pai, quando vivo, demonstrou desejo de doar sua biblioteca ao Colégio. Eu e meus irmãos só a doaremos com uma condição: você será o responsável pela sua preservação e a manterá unificada. Pode dar um pulo aqui em casa?

Inteirei-me das condições que Olavo impunha: cederiam os direitos autorais de tudo que resultasse das pesquisas feitas nos fichários e material deixado pelo pai; das novas edições, também, seriam cedidos.

Foram aceitas e o acervo e fichários transportados para o Colégio Pedro II.

Foi criado o Centro Filológico Professor Antenor Nascentes por portaria do diretor geral na época, professor Antônio José Chediak.

Os professores Raimundo Barbadinho Neto e Aloysio Jorge do Rio Barbosa incubiram-se de selecionar, classificar e arquivar adequadamente a

correspondência, fichas e artigos escritos em revistas de modo que futuros pesquisadores da obra do mestre possam a vir mensurar em verdadeira grandeza o homem, o intelectual e o educador. O trabalho dos referidos professores foi cuidadoso, exaustivo, pois leram centenas de correspondências e artigos; não colocaram o material nas pastas-arquivo aleatoriamente. Deve-se a eles se ter preservado o acervo que estava se deteriorando.

Olavo Nascentes, homem de poucos recursos, vivendo de aposentadoria ínfima e tendo a esposa entrevada, há anos na cama, abriu mão de vender a biblioteca do pai; o seu exemplo foi seguido pela família. Olavo Nascentes, que tinha seus livros separados dos do pai, vendeu-os para minorar suas dificuldades. Não querendo parodiar Camões poderíamos dele dizer: “*De tal pai, tal filho se esperava*”.

O professor Escagnole Doria que era espírita, ofertou ao Nascentes o “*Livro dos Espíritos*” e que por ele foi lido totalmente e registrou na contracapa: “Seria tão bom que fosse verdade”. Talvez o mestre imaginasse o quão bom seria reencontrar: Fausto Barreto, Said Ali, Carlos de Laet, Silva Ramos e outros de seu afeto, e voltarem a trocar idéias.